

TUSP
MARIANTONIA

TEATRO BRASILEIRO - 1968/1998: **30 ENCONTROS**

MÓDULO II: Internacionalismo, Poética, Interculturalismo





UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR

Prof. Dr. Jacques Marcovitch

VICE-REITOR

Prof. Dr. Adolpho José Melfi

**PRÓ-REITOR DE CULTURA
E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu



**COORDENADOR PRÓ-TEMPORE DO
CENTRO UNIVERSITÁRIO MARIA ANTONIA**

Eduardo Alves



**DIRETOR DO TUSP -
TEATRO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Abílio Tavares

“O Arena emite sua *Opinião e Canta Zumbi*. Artistas comem cru o coração do cantor de televisão que acaba de morrer – o Oficina entra na *Roda Viva* e acende o *Rei da Vela*. Não há como calar *Quarup*. Sob a luz ofuscante range o carro de boi de *Vidas Secas*. Vem vindo o Nordeste de *Os Fuzis* – “Rui guerra filma a miséria como uma aberração. Tira força dessa distância”. Invasão do Pop. País absurdo da Tropicália – “que coisa é essa de botar guitarra elétrica? Importação sem imaginação”. “Que nada. Não entedeu que é o choque do tradicional e do moderno? Estão escrachando o mau gosto nacional. Irreverentes dadaístas: “O monumento é de papel crepom e prata... Carmen Miranda, da, da”. Pelas ruas “o povo unido jamais será vencido”, pois “o povo organizado derruba a ditadura”. Latina-americanidad, paradoxo de um nacionalismo continental – Soy loco por ti America, cambalache, lá vem vindo o pasquim. No Rio, *Revista Civilização Brasileira*. Na Maria Antônia, “*Teoria e Prática*”, nossa “*New Left Review*”, – tentativa de “Aparte”.
– No fundo, esta produção cultural não está adiante de seu público.
– Êmulação de palco e platéia intelectualizados. Classe média. Weimar?”

MARILENA CHAUI

(Extraído do texto *Um Lugar Chamado Maria Antônia*)

A Universidade de São Paulo vem desempenhando com perseverança um dos seus mais importantes papéis: o de promover a difusão cultural. Buscando exercê-lo de forma eficaz, nossa meta é ampliar cada vez mais a integração entre a USP e a comunidade externa. Nessa aproximação as diferenças culturais devem ser entendidas como diversidade e não como desigualdade, respeitando-se assim os valores humanos. Refletir sobre a cultura é parte integrante dessa meta e um grande desafio para a Universidade.

O projeto **TUSP – Maria Antônia 68-98** e sua principal atividade, a série **Teatro Brasileiro 1968/1998: 30 Encontros**, é um feliz exemplo do cumprimento dessa meta. Com o objetivo de repensar a criação teatral das três últimas décadas, o projeto vai além da simples revisão crítica do fazer teatral desse período. Pela dimensão e ousadia conceitual dos temas que aborda, o evento promove, em sua essência, uma revisão crítica da cultura brasileira dos últimos 30 anos, através de uma de suas manifestações mais ricas: o teatro.

Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu
Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

"...Não contei quase nada da Maria Antônia viva. Difícil contar. A cada minuto uma emoção nova, uma aula iluminada, uma surpresa trágica. E todo o tempo o diálogo, a discussão, a esperança - ainda que absurda, ainda que infantil. O saguão da faculdade - já famoso pelos debates de sempre, mesmo e sobretudo antes de 64 - era uma central de informações. Havia quem lesse Proust no meio da tempestade. Havia quem ensaiasse, ali mesmo, uma cena para o TUSP..."

Consuelo de Castro

68 é um marco na história deste lendário prédio da antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, hoje transformado em CENTRO UNIVERSITÁRIO MARIA ANTÔNIA.

68 é o ano do último espetáculo montado pelo TUSP – Teatro dos Universitários, hoje transformado em Teatro da Universidade de São Paulo.

Em 98 o CENTRO UNIVERSITÁRIO e o TUSP estão juntos, no mesmo prédio, mesmo endereço: Rua Maria Antônia, 294.

Em 98, o TUSP apresenta, com seu grupo de teatro universitário, **PROVA DE FOGO**, espetáculo que estreou em outubro de 97 e que tem como personagens os estudantes da Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antônia, em 1968.

Em 68, Consuelo de Castro, autora da peça, tinha 22 anos, estudava Ciências Sociais na Maria Antônia, militava no movimento estudantil, enfrentava a repressão e, no calor da hora, escrevia sua primeira peça: **PROVA DE FOGO**, uma história de juventude, violência, solidariedade e paixão.

Em 68, o TUSP estreava **OS FUZIS DA SENHORA CARRAR**, de Bertolt Brecht, com direção, cenários e figurinos de Flávio Império, e lia **Prova de Fogo**. A peça acabava de ser escrita e o grupo pensava em montá-la, mas a censura era mais rápida e proibiu imediatamente o texto.

Por essas e por outras, o TUSP realiza, neste ano, o projeto 68-98 que é composto de várias atividades: As temporadas de **Prova de Fogo**; O novo espetáculo que estréia em outubro e cujo texto está sendo construído durante o processo de montagem por um jovem e talentoso dramaturgo que, como Consuelo de Castro em 68, tem em 98 vinte e poucos anos; Durante o ano vários workshops. O primeiro deles com Augusto Boal (01 a 05 de maio), que depois de muitos anos e após ter sua obra e método difundidos por mais de 50 países, volta à cidade com seu Teatro de Arena para um trabalho prático. O segundo workshop com Luiz Carlos Vasconcelos, diretor da escola Piollin, da Paraíba, e do premiado espetáculo **Vau da Sarapalha** (16 a 29 de julho).

Agora, de maio a dezembro, a série **TEATRO BRASILEIRO 1968/1998: 30 ENCONTROS**. Em 30 noites, 30 quartas feiras, a reunião de artistas, pesquisadores e críticos para discutir conceitos, poéticas, estéticas que estiveram e/ou estão presentes, emergentes, ou temporariamente submersas, na cena brasileira, no decorrer desses 30 anos. Cerca de 120 pessoas debatendo ao longo do ano, às quais se juntará o público.

Que este novo e antigo espaço hoje recuperado – TUSP e MARIA ANTÔNIA – seguindo seu espírito e vocação, seja, no presente, um cenário ideal para a prática e para a reflexão, um espaço de verdadeiro encontro entre aqueles que se dedicam a construir, através do tempo, a cena e a cultura brasileira.

Teatro Brasileiro 1968-1998: 30 encontros

A série "Teatro Brasileiro 1968-1998: 30 encontros", pretende discutir a criação teatral das três décadas e sua inserção na cultura brasileira. O objetivo é refletir sobre os últimos trinta anos do teatro brasileiro a partir de alguns paradigmas que orientam essa criação, compondo linhas culturais e estéticas dominantes.

No período 68/98 a produção e o pensamento do teatro brasileiro foram marcados pela discussão de questões centrais para a definição de sua identidade. Ao longo desses trinta anos pode-se observar um processo de busca de raízes brasileiras e de ênfase na participação política do teatro que se alterna e se mistura a propostas ligadas à pesquisa de linguagem cênica, onde a investigação formal e a relação com as experiências internacionais são mais evidentes.

Pensando na persistência dessas preocupações, concluímos que a identidade e a alteridade, o brasileiro e o internacional, a consciência histórica e a pesquisa formal, são focos permanentes de discussão nas três décadas de teatro que se pretende rever, ainda que essa discussão assuma formas variadas de acordo com o momento.

A par disso, temos durante o período a afirmação do profissionalismo e a manutenção de um teatro de qualidade. Nas três décadas, o trabalhador de teatro mantém a duras penas seu *métier*, tentando sobreviver em um mercado competitivo.

Para dar conta da temática proposta, a série de encontros foi dividida em três módulos organizados a partir de conjuntos de temas escolhidos para olhar o período:

Módulo I : Nacionalismo, Política e Cultura Popular

Módulo II : Internacionalismo, Poética e Interculturalismo

Módulo III : Profissionalismo, Técnica e Cultura das Mídias

Para garantir a representatividade do evento e a revisão crítica do período, os encontros procuram reunir diretores, atores, dramaturgos, cenógrafos e produtores que participaram de forma efetiva na criação das tendências, e são coordenadas por críticos e pesquisadores dos temas em discussão.

Na medida do possível, tentamos compor os encontros com profissionais de gerações diferentes, que pudessem refletir sobre o tema da forma como ele se apresentou nas diversas fases. Quando isso não foi possível, tentamos organizar mesas que garantem a continuidade cronológica de uma tendência, com as inevitáveis modificações.

O II Módulo do encontro, *Internacionalismo, Poética e Interculturalismo*, reúne artistas que desenvolvem um trabalho mais voltado para a experimentação de linguagens cênicas e aberto à pesquisa de ponta do teatro mundial. As dez mesas discutem a relação do teatro brasileiro com as tendências que marcam a cena contemporânea nos últimos trinta anos, não apenas brasileira mas internacional.

No primeiro encontro o filósofo Gerd Bornheim e o diretor Gerald Thomas discutem *Internacionalismo e Poética*, com uma abordagem mais geral da temática proposta no módulo, que servirá de subsídio às discussões futuras. *A Tropicália* é o tema do segundo debate, marcando o reencontro de Zé Celso Martinez Correa com o jornalista, escritor e diretor de teatro Luiz Carlos Maciel, que trabalhou no Oficina nos anos 60 e faz aqui um balanço do período. No dia 12 de agosto, Heloísa Buarque de Hollanda coordena as discussões com Maria Esther Stokler e Mário Piacentini sobre a *Contracultura*, que teve grande influência no teatro brasileiro especialmente no final dos anos 60, a partir da incorporação da droga, do orientalismo, do culto ao corpo e da desvalorização da palavra em detrimento de processos mais intuitivos de criação.

O crítico, diretor e professor de teoria do teatro da Eca/Usp, Luiz Fernando Ramos, faz a mediação do próximo debate, discutindo *A dramaturgia da cena* com o diretor e também dramaturgo Hamilton Vaz Pereira, que vem das experiências de criação coletiva do Asdrúbal Trouxe o Trombone, com Enrique Diaz, autor de verdadeiros textos cênicos em *A bau a qu* e *A Morta*, e com o dramaturgo Luís Alberto de Abreu, parceiro de diretores como Antunes Filho e Antônio Araújo. Dia 26 de agosto é a vez do crítico Edélcio Mostaço coordenar as discussões sobre *Radicalidade e Transgressão* no teatro, tema que reunirá na mesma mesa Antônio Araújo e Cibele Forjaz. No dia 2 de setembro a ensaísta e professora da EAD Silvana Garcia discute o *Interculturalismo* com a diretora Carmem Paternostro, fundadora do Pagu Teatro Dança e pesquisadora das tradições teatrais do oriente e com a diretora alemã Nehle Franke, que há quatro anos trabalha na Bahia, aproveitando a intersecção e a diversidade cultural para criar espetáculos de grande originalidade. No dia 9 de setembro é a vez da *Globalização*, tema em voga no mundo contemporâneo, onde a idéia de identidade local ou de nacionalidade são substituídas pelas comunidades virtuais criadas pelas mídias e redes de informação. Os reflexos teatrais dessa condição de 'cidadãos do mundo' são discutidos por Daniela Thomas, Gilberto Gavronski e Renato Cohen, com mediação feita por mim. A última mesa do módulo reunirá os atores Elias Andreato, Leon Góes e Luiz Mello para discutir com o diretor Antônio Araújo a condição do *Ator na Encenação*, refletindo sobre as mudanças que a atuação sofreu dentro de um processo de trabalho dominado por diretores/autores dos espetáculos.

Como no módulo anterior, o encerramento dos encontros será feito por um *Exercício de Cena*, atividade prática coordenada dessa vez por Antônio Araújo e o grupo Teatro da Vertigem, responsáveis pela criação do premiado espetáculo *O Livro de Jó*, e que apontam com seu trabalho algumas das tendências discutidas ao longo dos debates.

INTERNACIONALISMO E POÉTICA

*"Qual é o teatro brasileiro que vislumbramos? Ou será que vale a pergunta nesses termos? Não é melhor perguntarmos 'qual é o teatro que vislumbramos?' O de Antunes Filho, que enxergou a sua 'bandeira americana' quando encenou **Macunaíma**, metendo em cena suas odes de amor pela ritualização que o mundo foi pescar no mundo? Foi através das obras do mundo, da obra de Bob Wilson, Pina Bausch e Kazuo Ono, que Antunes se tornou um brasileiro mais brasileiro, criando sua própria trajetória emocionante, indo até a autocaricatura de não conseguir mais se ver no espelho, pois seu Drácula, como todos os Dráculas, não se vê no espelho.*

Ou será o teatro de José Celso, que enxergou tão genialmente a granulação de seu país, através da obra 'behaviorista' de Julian Beck ou Bertolt Brecht, e entendeu a conexão entre a Grécia antiga e a figura de Elza Soares dentro da gestalt de seu país?

Ou mesmo Cacá Rosset, que viu em Jarry e em Shakespeare uma maneira de universalizar a condição brasileira? Se o demônio do nacionalismo tem muitos disfarces, graças a Deus, o demônio da criatividade também tem."

Gerald Thomas, 1996

"Com Thomas a cena brasileira não conquistou apenas uma brilhante estética de metteur en scène; muito mais que isso, o que temos agora é um pensador do teatro, e um pensador prático e criador de uma Poética, ou seja, de um modo de produzir o novo."

Gerd Bornheim, 1989

Gerald Thomas

Diretor de teatro, dramaturgo, atualmente escreve para o jornal **Folha de S. Paulo**. Começou sua carreira no teatro La Mama, em Nova York, com a estréia de **All Strange Away**, de Samuel Beckett, em 1984. Montou no ano seguinte, no mesmo teatro, a **Beckett Trilogy**, composta dos textos **Theatre 1**, **Theatre 2** e **That time**, interpretada por Julian Beck, fundador do **Living Theatre**, que estréia em agosto de 1985 no Teatro dos **Beckett**. Seu primeiro espetáculo no Brasil é **4 vezes Quatro** do Rio de Janeiro. Em 1986 funda a Companhia de Ópera Seca em São Paulo, com quem cria os espetáculos **Eletra com Creta**, **Trilogia Kafka** (**Um processo**, **Uma metamorfose** e **Praga**, 1988), **Carmem com Filtro 2** (1988), **Mattogrosso**, com música de Philip Glass (1989), **M.O.R.T.E.** (1990), **The flash and crash days** (1991), **O império das meias verdades** (1993), **Unglauber** (1994) e **Nowhere man** (1996). Em 1990 escreve e dirige **Sturmspiel** para o Teatro Cuvillies, com a Companhia Estatal de Munique e encena a ópera **Perseu e Andrômeda**, de Salvatore Sciarrino, na Ópera Estatal de Stuttgart. Em 1994 dirige a ópera **Narciso**, de Beat Furrer, na Ópera de Graz, e em outubro de 1995 estréia no mesmo teatro **Doutor Fausto** de Busoni. Em janeiro de 1996 cria um novo trabalho em Copenhague, **Chief Butterknife...**, com a companhia de teatro dinamarquesa Dr. Dante's Aveny. Em 1997 escreve e dirige para o grupo mineiro Primeiro Ato **Uma breve interrupção do fim**.

Gerd Bornheim

Professor de filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sua extensa obra é quase toda dedicada aos temas da filosofia, mas traz em sua bagagem três títulos dedicados às questões do teatro: **O sentido e a máscara**, lançado pela Editora Perspectiva em 1975, já com diversas edições, **Teatro: a cena dividida**, editado pela L&PM em 1983 e **Brecht. A Estética do Teatro**, editado pela Graal em 1992. Gerd Bornheim é conhecido também por seus cursos e conferências sobre temas de teoria do teatro.

EXERCÍCIO DE CENA POÉTICA

Apresentação Pública do trabalho desenvolvido na Oficina "A Produção Criativa do Ator e a Construção Poética da Cena" ministrada por Luiz Carlos Vasconcelos, no TUSP, no período de 16 a 29 de julho.

"Desde 93 temos realizado oficinas para atores onde dedicamos atenção especial ao processo criativo do ator. A partir de janeiro de 98, além dos atores, incluímos um grupo de assistentes com a tarefa de pensar o material produzido pelos atores e definir única dramaturgia e encenação.



Estas oficinas, com duração de quatorze dias, tem sido oferecidas para atores, diretores e dramaturgos, diretores musicais, cenógrafos, figurinistas e iluminadores. Mesmo nas oficinas de tempo mais curto não abrimos mão de reunir, em seu momento final, os materiais produzidos pelos atores a partir de si mesmos, prática necessária para a vivência que chamamos "a construção poética da cena".



No primeiro momento da oficina a tônica está no processo criativo do ator, na produção da energia necessária ao ato criativo, na criação de ações físicas vigorosas, engendradas nas motivações imagéticas pessoais e, conseqüentemente, na construção de amplo repertório de ações físicas e vocais memorizadas, e portanto, disponíveis em seus mínimos detalhes.

No segundo momento, a tônica estará na construção da cena, na encenação propriamente dita, na atuação criativa dos diretores e assistentes de ver nos repertórios individuais dos atores os pontos comuns, as ações com possibilidade de aglutinar outras em torno de si, na seleção dos materiais individuais que se tomarão de uso coletivo, no desafio de, partindo exclusivamente destes materiais "atorais" disponíveis, construir uma dramaturgia capaz de instaurar uma cena poética."

Luiz Carlos Vasconcelos

Luiz Carlos Vasconcelos.

Luiz Carlos Vasconcelos é ator, diretor e fundador da Escola Piollin da Paraíba. Dirigiu o premiado espetáculo "Vau da Sarapalha". Mais recentemente participou como ator dos filmes "Contagem Regressiva" de Walter Salles Jr. e Daniela Thomas e "Baile Perfumado" de Paulo Caldas e Lúcia

O TEATRO E A CULTURA BRASILEIRA: TROPICÁLIA

"É provável que *O rei da vela*, de José Celso Martinez Corrêa, tenha sido assistido por Caetano quando ele havia composto *Tropicália* e *Alegria alegria*, e quando também Hélio Oiticica já havia feito os Parangolés. O que ficou evidente para todos é que havia uma confluência de objetivos e sentimentos no trabalho desses artistas. Uma necessidade comum aflorada desde a première de *Terra em Transe*, de Glauber Rocha. O ano de 1967 foi decisivo para o tropicalismo e demonstrou que pelo menos três grandes artistas se reconheceram em seus trabalhos - o que, se por um lado revelou influências mútuas, marcou também um trabalho independente mas semelhante, um caminho diverso mas que indicava a mesma direção. Qual direção? A busca e percepção do Brasil, não de um Brasil abstrato, mas de um Brasil concreto. (...) Assumiu-se (ou descobriu-se enfim) a feição material, sensorial, empírica ou, numa palavra, real, da nação brasileira."

Luiz Carlos Maciel, 1996

"E *O rei da vela* (viva o mau gosto da imagem) iluminou um escuro enorme do que chamamos realidade brasileira numa síntese quase inimaginável. E ficamos bestificados quando percebemos que o teto desse edifício nos cobria também, era a nossa mesma realidade brasileira que ele ainda iluminava. Sob ele encontramos o Oswald grosso, antropófago cruel, implacável, negro, apresentando tudo a partir de um cogito muito especial: Esculhambo, logo existo."

Zé Celso Martinez Corrêa, 1967

Zé Celso Martinez Correa

Diretor de teatro, ator e dramaturgo. Suas primeiras peças foram *Vento forte para papagaio subir* e *A incubadeira*, ambas encenadas por Amir Haddad no período amador do Oficina. Na direção do Teatro Oficina, seu primeiro espetáculo foi *A vida impressa em dólar*, de Clifford Odets, que estreou em 1961. Vieram a seguir *Todo anjo é terrível*, de Thomas Wolfe (1962), *Os Pequenos Burgueses*, de Gorki (1963), *Andorra*, de Max Frisch (1964), *Os Inimigos* (1966), de Górkí, e *O Rei da Vela* (1967), de Oswald de Andrade, o teatro antropofágico de "devoração da protagonização clássica e do palco italiano". Em 1968 dirige o "coro antropofágico" de *Roda Viva*, texto de Chico Buarque de Hollanda, e *Galileu Galilei*, de Bertolt Brecht. No ano seguinte encena *Na selva das cidades*, a "luta no ringue de boxe entre dois teatros: o das personagens dos anos 60 e o dos coros dilacerados". Em 1970 Zé Celso viaja para Florianópolis onde dirige os atores de *Prata Palomares*, filme de André Faria. É o ano em que o Oficina acolhe o *Living Theatre* e inicia o Te-Ato, "transformação da relação morta palco-platéia", estreando em 1971 a criação coletiva *Gracias Señor*, quando a Companhia de Teatro Oficina se transforma no Grupo Oficina-Brasil. Em 1972 encena *As três irmãs*, de Tchekhov e inicia as filmagens de *O rei da vela*. Em 1974 vem a prisão e o exílio em Portugal. Retoma ao Brasil em 1979 e em 1983 inicia oficinas de teatro em torno de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *As Bacantes*, de Eurípides e *O Homem e o Cavalo*, de Oswald de Andrade. Em 1990 faz um balanço de sua carreira no espetáculo *90 Minutos: uma coisa inofensiva*, dirigido por Luiz Fernando Ramos. Em 1991 estréia *As Boas*, adaptação do texto *As Criadas* de Genet, onde também atua. Em 1993 dirige *Ham-let*, de William Shakespeare, que reabre o Teatro Oficina e onde atua no papel do Fantasma. Dirige *Mistérios Gozosos* de Oswald de Andrade em 1994, *Pra dar um fim no juízo de Deus* de Antonin Artaud em 1996, e *Ela* de Genet em 1997. Atualmente ensaia no Oficina parte de sua trilogia *Cacilda!*

Luiz Carlos Maciel

Escritor, jornalista, diretor de teatro, roteirista de cinema e televisão, professor e conferencista. Publicou os livros *Samuel Beckett e a solidão humana*, *Sartre, vida e obra*, *Nova consciência*, *A morte organizada*, *Negócio seguinte* e *Anos 60*. Seu livro mais recente é *Geração em transe, memórias do tempo do tropicalismo*. Foi um dos fundadores do semanário *O Pasquim*, onde manteve a coluna "*Underground*", a primeira a divulgar a contracultura no Brasil. Acompanhou o surgimento do cinema novo, a explosão do tropicalismo na música popular e o início das manifestações de vanguarda no teatro brasileiro. Um dos espetáculos mais recentes que dirigiu foi *Jango, uma tragédia*, a única peça teatral escrita por Glauber Rocha. No momento escreve *Amor no outro lado da terra*, minissérie para televisão, em parceria com o roteirista chinês Zhou Zhentien.

MÓDULO II

Internacionalismo, Poética, Interculturalismo

22/07

INTERNACIONALISMO E POÉTICA

Gerald Thomas - Gerd Bornheim

29/07

EXERCÍCIO DE CENA POÉTICA

Luiz Carlos Vasconcelos e Grupo do Workshop

"A Produção Criativa do Ator e a Construção Poética da Cena"

05/08

O TEATRO E A CULTURA BRASILEIRA: TROPICÁLIA

José Celso Martinez Corrêa - Luiz Carlos Maciel

12/08

A CONTRACULTURA NO TEATRO BRASILEIRO

Heloísa Buarque de Holanda - Maria Esther Stokler - Mário Piacentini

19/08

DRAMATURGIA DA CENA

Enrique Díaz - Hamilton Vaz Pereira

Luiz Alberto de Abreu - Luiz Fernando Ramos

26/08

TEATRO: RADICALIDADE E TRANSGRESSÃO

Antonio Araújo - Cibele Forjaz - Edécio Mostaço

02/09

TEATRO E INTERCULTURALISMO

Carmen Paternostro - Nehle Franke - Silvana Garcia

09/09

TEATRO E GLOBALIZAÇÃO

Daniela Thomas - Gilberto Gawronski -

Renato Cohen - Sílvia Fernandes

16/09

O ATOR NA ENCENAÇÃO

Antonio Araújo - Elias Andreato - Leon Goes - Luiz Mello

23/09

EXERCÍCIO DE CENA POÉTICA

Teatro da Vertigem

TEATRO BRASILEIRO - 1968/1998: 30 ENCONTROS

MÓDULO I

Nacionalismo, Política,
Cultura Popular

06/05

Nacionalismo e Política

13/05

Exercício de Cena Dilética

20/05

O Teatro e a Cultura Brasileira

27/05

O Teatro Épico no Brasil

03/06

Dramaturgia e
Consciência Histórica

17/06

Teatro e Militância

24/06

A Cultura do Popular no Teatro

01/07

A Cultura de Grupo

08/07

O Ator Brasileiro

15/07

Exercício de Cena Popular

MÓDULO III

Profissionalismo, Técnica,
Cultura das Mídias

30/09

Profissionalismo e Técnica

07/10

Exercício de Cena

14/10

A Cultura do Teatro

21/10

A Tradição do Teatro
Brasileiro

28/10

Dramaturgia :
Diversidade

04/11

Teatro: Diversão e Ofício

11/11

Teatro e Cultura das
Mídias

18/11

Teatro e Mercado

25/11

A Técnica do Ator

02/12

Exercício de Cena

A CONTRACULTURA NO TEATRO BRASILEIRO

"De certa forma, a preocupação com a chamada nova sensibilidade incentivava um tipo de trabalho coletivo e múltiplo, empenhado fundamentalmente na experimentação radical de linguagens inovadoras como 'estratégia de vida'..."

Heloísa Buarque de Hollanda, 1981

"O objeto coletivo surgiu organicamente vivo, fragmentário, ambíguo, perecível, acidental, imperfeito, arbitrário, livre e fundamentado no poder de impacto dos acontecimentos inesperados que surgiam a cada instante.(...) O processo de trabalho do Sonda poderia ser chamado de mixagem. Mixagem é o termo usado em cinema que significa a mistura de várias faixas de som; os diálogos, os ruídos e a música. As três faixas de som reúnem e completam a imagem do filme. No nosso laboratório de dança e teatro o processo é o mesmo. Qualquer uma das faixas: o cenário, iluminação, elemento de cena, coreografia, figurino podem isoladas, ocupar o primeiro plano."

José Agrippino de Paula, 1969

Mário Piacentini

Diretor de teatro, ator, pintor, psicoterapeuta, biólogo, engenheiro e professor. Em 1965 funda o TUCA, Teatro da Universidade Católica, onde dirige entre 1969 e 1972 **Comala** (1969) e três versões de **Terceiro Demônio** (a primeira em 1971). Em 1970 faz estãgio com Jerzy Grotowski em Marselha e entre 1970 e 1972 introduz em São Paulo o ritual amazônico da ayuasca, realizando experimentos terapêuticos com LSD. Em 1975 realiza viagem de estudos ao Egito, Israel, Chipre, Líbano, Holanda e Itália. Em 1976 começa a trabalhar como terapeuta psicossomático, quando funda e dirige o Soma, Centro de Meditação Ativa de São Paulo, e traduz o livro **Nem água nem lua** de Rajneesh sobre o zen. Em 1978 funda o grupo teatral Ganga Arte, onde escreve, dirige e atua no espetáculo **Processo Giordano Bruno**. Em 1979 produz, dirige e atua no espetáculo **O arquiteto e o imperador da Assíria**, de Fernando Arrabal. Em 1988/89 dirige e cria com os alunos da EAD a peça **O Arquiteto**, inspirado em Arrabal. Em 1990 funda o grupo teatral M.P. Performance Brasil, onde cria, dirige e produz uma segunda versão da peça **Comala**. Entre 1990 e 1993 vive na Cidade do México, onde funda e dirige o Truco, Teatro Ritual da Universidade de Colima e o Actor, Centro de Produções Teatrais do México. Entre 1994 e 1996 escreve o romance **A dança das máscaras** e adapta para teatro **O Casamento**, de Néelson Rodrigues. Atualmente trabalha com projetos arquitetônicos.

Heloísa Buarque de Hollanda

Professora de Teoria Crítica da Cultura da Universidade do Rio de Janeiro. É coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea e foi diretora da Editora UFRJ e do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Tem inúmeros artigos e livros nas áreas de arte, literatura e políticas culturais, entre eles **Impressões de Viagem** (1979), **Cultura e Participação nos anos 60** (1982), **Pós-Modernismo e Política** (1991), **O feminismo como crítica da cultura** (1994) e **Horizontes Plurais: novos estudos de gênero no Brasil** (1998).

Maria Esther Stokler

Bailarina, diretora e professora de dança contemporânea, formada por Maria Duschenes em São Paulo e na escola de Martha Graham em Nova York. Entre 1965 e 1970 dirigiu o grupo Mobile. Com José Agrippino de Paula, dirigiu o grupo Sonda, criando dois espetáculos de teatro-dança: **Tarzan 3º Mundo** (1969) e **Rito do amor selvagem** (1969). Fez viagens de pesquisa, convivendo com várias culturas da África, Peru, Oriente e Bahia. Nos últimos anos estuda e trabalha com radiestesia, tinturas de ervas, cristais e terapia floral, intercalando essas pesquisas com oficinas de dança criativa.

DRAMATURGIA DA CENA

"O verdadeiro texto parece ser o caderno de anotações do diretor, onde ele planejou todo o desenvolvimento arquitetural, da luz, dos objetos cênicos e da movimentação e das falas do ator, integrando-os num mesmo compasso ou ritmo de ações. (...) A ação dramática deixa de estar inscrita na fala e só se realiza como interação de todos os elementos cênicos."

Luiz Fernando Ramos, 1997

"Dos grupos de criação coletiva saíram artistas capazes de enfrentar todas as esferas da criação teatral: o texto, a interpretação, a música e a organização do espaço cênico. Partindo da vontade de representação e utilizando com frequência o método de ensaio e erro, ignoraram técnicas sedimentadas de composição do espetáculo e acabaram inventando uma escritura cênica em que o valor do texto não é maior do que o dos outros recursos expressivos."

Mariângela Alves de Lima, 1987

Luís Alberto de Abreu

Professor e autor de mais de vinte peças teatrais, entre as quais **Bella Ciao**, **Calá a Boca já morreu**, **O livro de Jó** e a tetralogia **A comédia popular brasileira**. Trabalhou com os grupos Mambembe, Grupo de Teatro Macunaíma e Teatro da Vertigem. Teve encenadas no exterior as peças **E morrem as florestas** (Dinamarca), **Xica da Silva** (Japão e Coreia do Sul), **Guerra Santa** (Inglaterra) e **O livro de Jó** (Dinamarca, Austrália e Rússia). Foi mencionado como um dos mais importantes dramaturgos da atualidade pela publicação **Escenários de dois mundos**, inventário teatral realizado pelo Ministério da Cultura da Espanha.

Enrique Diaz

Ator, professor e diretor de teatro, participou de filmes de curta e longa metragem nacionais e estrangeiros, novelas e minisséries. Desde 1988 dirige a Companhia de Atores, com quem realizou os espetáculos **Rua Cordelier** (1989), **A boa a qu** (1990), **A Morta** (1992), **Só eles o sabem** (1994) e **Melodrama** (1995). Atuou em mais de vinte peças, entre as quais se destacam **A estrela do lar**, **Antígona**, **Woyzeck**, **Honey Baby** e **O burguês ridículo**. É diretor artístico do Teatro Ziembinski e realizou performances na campanha contra a fome e no projeto Arte/Cidade em São Paulo.

Luiz Fernando Ramos

Professor de teoria e história do teatro do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. Doutor pelo Departamento de Literatura Brasileira da FFLCH/USP e mestre pelo Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. Jornalista profissional desde 1975, exerceu funções de repórter e editor em veículos impressos, no rádio e na televisão. Escreveu críticas de teatro para os jornais **Folha de S. Paulo** e **O Estado de S. Paulo** e foi editor da revista **Palco e Platéia** entre 1986 e 1988. Foi autor e diretor dos espetáculos **Curva da Tormenta: uma Farsa da Idade Média** (1982), **Síntese e Surpresa: Fragmentos do Teatro Futurista** (1985), assistente de direção do espetáculo **A Revolução Francesa**, de Aguilar (1990) e co-autor e diretor do espetáculo **Noventa Minutos: uma coisa inofensiva** (1990). Também em 1990 concebeu e dirigiu o espetáculo **Fertes e Biefes** e em 1991 concebeu e coordenou a exposição-espetáculo **São Paulo em Revista: uma viagem ao umbigo da cidade**, dentro da XXI Bienal Internacional de São Paulo. Em 1994 dirigiu em Londres o espetáculo **Two White Sheets**, a partir do texto de Qorpo-Santo **Duas Páginas em Branco**.

Hamilton Vaz Pereira

Autor, diretor e ator. De 1974 a 1984 exerce essas funções no grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone, onde cria **Trate-me Leão** (1977), **Aquela coisa toda** (1979) e **A farra da terra** (1983). De 1984 a 1994 é autor, diretor e ator dos espetáculos **Estúdio Nagasaki**, **Ataliba**, **a gata safira**, **Nardja Zulpério**, **O Máximo**, **Ela odeia mel** e **Notícias Silenciosas**. De 1994 a 1998 dirige os espetáculos **A ira de Aquiles** e **Odisséia**, adaptações de Homero, e **Gianni Schicci**, ópera de Puccini que estréia no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. É autor, diretor e ator de 5

TEATRO: RADICALIDADE E TRANSGRESSÃO

"Inversão de todos os valores, eis a minha fórmula para um ato de supremo reconhecimento de si por parte da humanidade inteira, ato que em mim tornou-se carne e gênio" - escreveu Nietzsche, colocando no lugar da convencional tábua de valores, erigida sobre a renúncia a tudo o que era vital, os novos princípios originados de uma atitude dionisiaca perante a vida; aí também incluindo seus aspectos cruéis. Tornou-se assim o profeta daquela arte que seria entendida, ao longo do século XX, como de transgressão radical: dos códigos artísticos e das formas de viver. Por uma vida que seja arte; por uma arte que seja vida."

Edélcio Mostaço, 1998

"Tomara morra logo o teatro, mas morra no lugar certo: fora do palco, nada de assassinar 'teatralmente' o teatro, que cada um acabe com seu drama particular que nasce da dualidade, da divisão, quando eu não existo íntegro, inteiro, eu me divido e preciso falsamente do outro, preciso do outro por minha causa, não preciso do outro por amor, ou mentira; porque precisar do outro é sempre por amor, mesmo precisar violentamente. É o fogo, a vida."

Fauzi Arap, 1969

Edélcio Mostaço

Critico teatral, pesquisador, professor na área de teoria do teatro, diretor bissexto e dramaturgista de diversos espetáculos recentes, como **Vestido de Noiva** e **A Falecida**, ambos de Nelson Rodrigues, **Pércles**, **o Príncipe de Tiro**, de Shakespeare, **Mary Stuart** de Schiller e **À margem da vida**, de Tennessee Williams. Autor dos livros **Teatro e Política: Arena, Oficina, Opinião** (1982), **O Espetáculo Autoritário** (1983) e **Nelson Rodrigues - a transgressão** (1996). Como crítico, escreveu para **Veja**, **Isto É**, **Jornal da Tarde** e **Folha de S. Paulo**.

Antônio Araújo

Diretor de teatro, diretor artístico do grupo Teatro da Vertigem, ator e professor do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. Foi professor de improvisação e interpretação do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp (1996/1997) e responsável pela disciplina de Interpretação no Teatro-Escola Célia Helena entre 1994 e 1996. Concebeu e dirigiu o premiado espetáculo **O Livro de Jó**, em 1995, texto bíblico adaptado por Luís Alberto de Abreu e realizado pelo Teatro da Vertigem, que participou de festivais na Dinamarca, Moscou e Bogotá. Em 1992 concebeu e dirigiu **O Paraíso Perdido**, adaptação de Sérgio de Carvalho do poema de John Milton, também realizado pelo Teatro da Vertigem. Em 1991 dirigiu a peça **Clitmnestra**, de Marguerite Yourcenar, com a atriz Marilena Ansaldo, em 1990 concebeu e dirigiu **Oberösterreich**, de Franz X. Kroetz, e em 1990 concebeu e dirigiu o texto de Yukio Mishima **Aoi**. Entre 1996 e 1997 recebeu bolsa de intercâmbio artístico do Kennedy Center for the Performing Arts, realizando estágios de observação com Robert Wilson, Mary Zimmerman, Garland Wright, Anne Bogart, Richard Foreman, Andrei Serban, Richard Schechner, Joseph Chaikin, Joanne Akalaitis e no Actors Studio.

Cibele Forjaz

Iluminadora, diretora e bacharel em direção teatral pelo Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. Ingressou no teatro em 1987 com a iluminação de **Leonce e Lena**, de Büchner e foi iluminadora dos espetáculos **Uma relação tão delicada**, **Eu sei que vou te amar**, **Eras**, **Ópera Joyce**, **Essa valsa é minha**, **Crack**, **Bilitiz**, **I Love**, **Violeta Vita** e **Tio Vânia**, entre outros. Dirigiu **O homem da flor na boca**, de Pirandello (1988), **A paixão segundo G.H.**, de Clarice Lispector, com Marilena Ansaldo (1989), **Lamento de Ariadne**, de Nietzsche (1990) e **Woyzeck**, de Büchner (1991). Desde 1992 está ligada ao Teatro Oficina, onde iluminou, fez direção de arte ou assistência de direção dos espetáculos **Ham-let**, de Shakespeare (1993), **Mistérios Gozosos**, de Oswald de Andrade (1994), **Bacantes**, de Eurípides (1999), **Pra dar um fim no juízo de Deus**, de Antonin Artaud (1996) e **Ela**, de Jean Genet (1997). Desde 1994 dirige o Núcleo de Pesquisa Teatral, com quem encenou **Álbum de Família**, de Nelson Rodrigues (1996) e **A vida de Galileu**, de Bertolt Brecht, com Renato Borghi (1998).

TEATRO E INTERCULTURALISMO

"Desde os anos sessenta e setenta, a vanguarda sente a mesma fascinação pelo oriente, sua perfeição formal e sua espiritualidade, e pela África e sua 'espontaneidade'. De forma diferente dos pioneiros do início do século, os artistas refletem sobre os meios de utilizar concretamente, na interpretação dos atores mais do que nos temas e no cenário exótico, as técnicas em que essas tradições se inspiram.(...) Nos anos oitenta e noventa, com o aumento e a banalização das viagens e das trocas culturais, o teatro intercultural entrou em um período ao mesmo tempo eufórico (pela multiplicação de projetos mistos) e cético (porque o intercâmbio entre culturas e práticas culturais foi nivelado, com todas colocadas num mesmo plano: do canto gregoriano ao rap...)"

Patrice Pavis, 1996

Silvana Garcia

Doutora em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da USP, autora dos livros **Teatro da Militância** (Ed. Perspectiva, 1990) e **As Trombetas de Jericó** (Ed. Hucitec, 1997), professora de teoria e história do teatro na Escola de Arte Dramática da USP, membro do conselho editorial das revistas **Urdimento** e **Teatro al Sur**, dramaturgista em montagens teatrais e membro do corpo de jurados do prêmio Shell.

Nehle Franke

Natural de Munique, Alemanha, estudou Teoria das Artes Cênicas e Filosofia na Freie Universität e Humboldt-Universität, Berlim, até 93. Em Munique e posteriormente também em Berlim realizou vários estágios e assistências em teatros municipais e trabalhos de direção no circuito de teatro independente. Residindo em Fortaleza, Ceará, encenou no período de fevereiro de 94 a maio de 96 as peças **Matança de Porco**, de Peter Turrini; **Orapa, França e Bahia**, de Daniel Dias e **Batuca o Bode**, de Wolfgang Mennel. Coordenou durante um ano os projetos do Setor de Formação e Pesquisa em Artes Cênicas do Teatro José de Alencar (CENA). Em 1996, já em Salvador, encenou a peça **Divinas Palavras**, de Ramón del Valle-Inclán, montagem que participou do Festival de Curitiba 97 e do Festival Internacional de Londrina 97. Atualmente, a convite do Teatro Castro Alves, Salvador, vem realizando a montagem da peça **Roberto Zucco**, de Bernard-Marie Koltés, com estréia prevista para outubro de 98, compondo o quarto espetáculo do Projeto de Montagens do Núcleo de Teatro de Repertório do TCA.

Carmem Paternostro

Estudou balé clássico, jazz-dance, expressão corporal, dança expressionista e dança moderna na Escola de Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, onde trabalhou como professora até 1974. Desde meados da década de 70 concebe e produz em Salvador uma série de espetáculos, fundando e dirigindo o grupo Intercena. A partir de 1978 viaja por vários países do oriente, estudando as diferentes tradições de dança e teatro, especialmente o katalali. Fascinada pela cultura indiana, funda em Calcutá o *Dance-theatre Calcutta*, com quem produz uma série de espetáculos sobre mitologia indiana e suas relações com os mitos afro-brasileiros. Paralelamente integra-se ao *Grupo Acción Instrumental*, de artistas argentinos, criando uma nova linguagem de música cênica, com reinterpretações de obras de Wagner, John Cage e Eric Satie apresentadas na Alemanha e na França. Em 1981 inicia uma nova fase de trabalho com a fundação do Pagu Teatro Dança, em Belo Horizonte, com quem realiza **Um noturno para Pagu** (1983) e **Lulu, a caixa de Pandora** (1985). Em 1987 decide voltar definitivamente para a Bahia, onde dirige a peça **Dendê e Dengo**, de Aninha Franco (1990). O trabalho enraizado na cultura baiana motiva o relançamento do Intercena, rebatizado de Grupo Intercena-Bahia, que se projetou em 1993 através do espetáculo **Merlin ou a terra deserta**, de Tankred Dorst, onde se integravam teatro, dança e música. Encena com o mesmo grupo **Os Negros**, de Jean Genet (1995), **Don Juan**, de Bertolt Brecht (1996) e **Lágrimas de um guarda-chuva**, de Eid Ribeiro (1997).

TEATRO E GLOBALIZAÇÃO

"A cultura midiática globalizante é a base comum que forma, em diferentes níveis, o filho do favelado, o jovem universitário, o traficante e o teórico de comunicação. Com uma linguagem sedutora e veloz, essa cultura midiática impõe novos condicionamentos e formas de percepção e conhecimento. A questão é saber como nos relacionar com esse novo cenário sem cairmos no catastrofismo - a globalização vista como homogeneização e padronização planetária - ou no discurso eufórico que prevê a constituição de uma 'grande família universal', heterogênea, colorida e auto-regulamentada."

Ivana Bentes, 1997

Silvia Fernandes

Doutora em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da USP, professora/conferencista do Departamento de Artes Cênicas da mesma escola, autora do livro **Memória e invenção: Gerald Thomas em cena** (1996) e co-autora do livro **Sobre o trabalho do ator** (1988), ambos editados pela Perspectiva.

Renato Cohen

Performer e diretor teatral. Realizou os espetáculos **Magritte, o Espelho Vivo** (1987), **Tempestade e Ímpeto** (1995) e **Vitória sobre o Sol** (1997) com o grupo Orlando Furioso. Pesquisando as interfaces entre arte e tecnologia e as bordas da cultura no âmbito da pára-teatralidade e da performance, coordena o Núcleo de Teatro do hospital/dia "A Casa". Doutor em Artes Cênicas pela ECA/USP, é professor do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP e coordenador do projeto de montagem dos formandos de Artes Cênicas da Unicamp, em 1998. É autor dos livros **Performance como linguagem** (1988) e **Work in Progress na Cena Contemporânea** (1998), ambos editados pela Perspectiva. Coordena o Núcleo de Estudos da Performance da PUC/SP.

Daniela Thomas

Cenógrafa, dramaturga, roteirista e diretora de teatro e cinema. Começa sua carreira como cenógrafa no teatro **La Mama**, em Nova York, com a estréia de **All Strange Away**, de Samuel Beckett, dirigida por Gerald Thomas em 1984. Continua trabalhando com Thomas nos espetáculos **Beckett Trilogy**, que estréia no mesmo teatro no ano seguinte, **4 vezes Beckett**, que estréia em agosto de 1985 no Teatro dos Quatro do Rio de Janeiro e nas montagens da Companhia de Ópera Seca, para quem cria a cenografia de **Eletra com Creta** (1986), **Trilogia Kafka** (Um processo, Uma metamorfose e Praga, 1988), **Carmem com Filtro 2** (1988), **Mattogrosso**, com música de Phillip Glass (1989), **M.O.R.T.E.** (1990) e **The flash and crash days** (1991). Em 1994 faz a adaptação, cenografia e figurinos de **Pentesiléias**, de Kleist, que estréia com direção de Bete Coelho. No mesmo ano, faz cenografia e figurinos do espetáculo **Bonita Lampião**, com direção de Renata Melo. Em 1995 realiza a direção de arte e a cenografia da peça **Violeta Vita**, com direção de Bete Lopes e em 1997 faz a cenografia de **Promisquidade**, de Pedro Vicente. Em 1998 adapta e dirige **Da Gaivota**, a partir do texto de Tchekhov, interpretada por Fernanda Montenegro e Fernanda Torres. Para o cinema, roteiriza e dirige com Walter Salles Jr. **Terra Estrangeira**, em 1996.

Gilberto Gawronski

Diretor, ator e professor com formação em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Los Angeles. É fundador e diretor artístico da Companhia Art in Obra (1990/1998), cujos trabalhos incluem **Dama da Noite** e **Na solidão dos campos de algodão**, de Koltès. Foi professor da Escola de Teatro Carioca, CAL, de 1993 a 1997, e ministrou diversos workshops para atores no Espaço Cultural Sérgio Porto e na Casa da Gávea, no Rio de Janeiro. Foi ator convidado da Companhia do Teatro Nacional de Estrasburgo no espetáculo **Roberto Zucco** (1995) e teve espetáculos apresentados em várias capitais brasileiras, bem como em Londres, Lyon, Caracas, Genebra e Paris.

O ATOR NA ENCENAÇÃO

"Você tem que ser falcão para ser ator. Tem que ter um olho lá, outro aqui, estar vigilante, atento e jogando, jogando, jogando. O ator é dono do tempo e do espaço. É senhor de cosmogonias, tem o tempo e o espaço que quiser. Mas até você deixar de ser escravo do velho espaço e do velho tempo, dá uma agonia, uma ansiedade, é uma batalha de meses e eu estou aqui para limpar isso."

Antunes Filho, 1998

Elias Andreato

Ator e diretor de teatro. Entre outros trabalhos, participou dos espetáculos **Tietê! Tietê!** e **Lua de Cetim**, ambos de Alcides Nogueira, com direção de Márcio Aurélio, em 1979 e 1981, **Édipo Rei**, de Sófocles, com direção de Márcio Aurélio (1983), **Artaud, o espírito do teatro**, adaptação de textos de Antonin Artaud por José Rubens Siqueira (1984), **O corpo estrangeiro**, de Marguerite Duras, com roteiro e direção de Márcia Abujamra (1986), **Lago 21**, baseado em Anton Tchekov e Shakespeare, com roteiro e direção de Jorge Takla (1988), **Decifra-me ou devoro-te**, de Renato Borghi (1989), **Uma noite com Valentin**, de Karl Valentin (1991), **Van Gogh**, com roteiro de sua autoria e de Márcia Abujamra (1993), **A Gaivota**, de Anton Tchekhov (1996) e **Oscar Wilde**, com direção de Vivien Buckup (1997). Foi diretor de vários espetáculos, entre os quais se destacam **Aulis**, de Eurípides, com adaptação de Celso Frateschi e Edith Siqueira, **Rimbaud**, com roteiro de sua autoria e de Ariel Borghi, **Do amor de Dante por Beatriz**, com Celso Frateschi e **A lista de Aílce**, de Betinho. Trabalhou na televisão e no cinema, sendo dirigido por Hugo Georgetti em **Sábado** e **Os Boleiros**.

Leon Góes

Ator e professor de teatro. Participou de diversos espetáculos dirigidos por Moacyr Góes, entre os quais se destacam **Baal** (1988), **Fausto** (1989), **Escola de Bufões** (1990), **Gigantes da montanha** (1991), **Romeu e Julieta** (1992), **Epifanias** (1992), **O livro de Jó** (1994), **Édipo Rei** (1995), **Peer Gynt** (1996), **Divinas Palavras** (1997) e **Toda nudez será castigada** (1998). No cinema, atuou nos filmes **Veja esta canção** e **Tieta do Agreste**. Na televisão, participou do elenco de **A vida como ela é**, com direção de Daniel Filho. Ministra oficinas para atores e bailarinos na CAL, desde 1993.

Antônio Araújo

Diretor de teatro, diretor artístico do grupo Teatro da Vertigem, ator e professor do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. Foi professor de improvisação e interpretação do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp (1996/1997) e responsável pela disciplina de interpretação no Teatro-Escola Célia Helena entre 1994 e 1996. Para o evento do dia 26/08, Teatro.: Radicalidade e Transgressão.

Luis Melo

Ator de teatro. Trabalha em Curitiba como ator e professor de teatro até 1985, quando vem para São Paulo e se torna, durante dez anos, o primeiro ator do Grupo Macunaíma, dirigido por Antunes Filho, com quem realiza os espetáculos **Macunaíma**, de Mário de Andrade, **A hora e vez de Augusto Matraga**, de Guimarães Rosa, **Xica da Silva**, de Luís Alberto de Abreu, **Paraíso Zona Norte**, de Nelson Rodrigues, **Nova velha história**, **Trono de Sangue/ Macbeth**, de William Shakespeare, **Vereda da Salvação**, de Jorge Andrade e **Gilgamesh**, baseado em mito sumério. Após a saída do grupo Macunaíma, protagonizou o monólogo **Sonata Kreutzer**, de Leon Tolstói, com direção de Eduardo Wotzick (1996) e participou do espetáculo **Salomé**, de Oscar Wilde, com direção de José Possi Neto (1997). Em cinema, atuou em **Terra Estrangeira**, de Walter Salles e Daniela Thomas, **Jenipapo**, de Monique Gardenberg, **Doces Poderes**, de Lúcia Murat e dos curta-metragens **Útero**, de Cristiano Metri e **Desterro**, de Eduardo Paredes. Sua estréia na televisão foi em **Cara e Coroa**, novela de Antonio Calmon. Também atuou na novela de Alcides Nogueira **O Amor está no Ar** e na mini-série **Hilda Furacão**, a partir do romance de Roberto Drummond, com direção de Wolf Maia.

EXERCÍCIO DE CENA POÉTICA

O Teatro da Vertigem é um núcleo de pesquisa formado por profissionais de teatro e música, com interesse na experimentação e aprofundamento da linguagem cênica.

O projeto piloto do núcleo em 1991 tem a intenção de pesquisar princípios da física encontrados na mecânica clássica e aplicá-los ao movimento expressivo do ator, introduzindo o grupo na experimentação das relações entre arte e ciência. Na concretização artística do projeto, o Teatro da Vertigem cria a peça **O Paraíso Perdido**, estreada em novembro de 92, na Igreja Santa Ifigênia.

Concluída esta etapa, o Teatro da Vertigem inicia seu segundo projeto, **O Livro de Jó**. O novo trabalho é desenvolvido a perspectiva de aprofundar elementos vivenciados anteriormente, além de trazer ao núcleo novas diretrizes, buscando integrar a linguagem do grupo às possibilidades de espaços não-convencionais, intensificando a exploração de objetos e materiais.

Mantendo um processo de criação feito a partir dos depoimentos dos atores, o universo temático sofre uma verticalização nesta montagem. Apesar disso, em **O Livro de Jó** o Teatro da Vertigem coloca-se frente a uma dramaturgia mais formalizada, trazendo para o grupo o universo da palavra. Se anteriormente a linguagem gestual era a principal expressão das reflexões e vivências dos artistas, agora a voz começa a entrar no campo das preocupações. A exploração do movimento abre espaço para a construção de personagens e as experimentações corporais sobre leis da Física são utilizadas como forma de treinamento dos estados internos do ator.

Em outubro desse ano, o Teatro da Vertigem prepara-se para realizar seu primeiro workshop, reunindo dramaturgista, atores e diretor para a elaboração do texto do próximo espetáculo, que terá como tema o Apocalipse.



O Livro de Jó

Foto: Letícia Pinheiro

Teatro da Vertigem

Elenco: Débora Serretielo, Joelson Medeiros, Luciana Schwinden, Mariana Lima, Mirian Rinaldi, Roberto Áudio, Sérgio Siviero, Vanderlei Bernardino.

Direção: Antônio Araújo

Direção Musical: Laércio Resende

Iluminação: Guilherme Bonfanti

Cenário: Marcos Pedroso

Figurino: Fábio Namatami

TEATRO BRASILEIRO - 1968/1998: 30 ENCONTROS

ORGANIZAÇÃO

Abílio Tavares
Maria Thais Lima Santos
Sílvia Fernandes

COORDENAÇÃO DA SÉRIE TEATRO BRASILEIRO

1968/1998: 30 ENCONTROS
Sílvia Fernandes

CONSULTORIA ARTÍSTICA

Maria Thais Lima Santos

DIREÇÃO GERAL DO PROJETO

Abílio Tavares

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Maria do Carmo Bottino

RELAÇÕES PÚBLICAS E ASSESSORIA DE IMPRENSA

Valéria Castro

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Nilse Silva

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

Carolina Badra

APOIO ADMINISTRATIVO

Luiz Carlos da Conceição
Samy Florentino

APOIO SECRETARIA

Humberto Rodrigues

APOIO OPERACIONAL

Antônio Martins
Ednaldo Barbosa
Marcos Paulo Barbosa

CENOTECNIA

Paulo Rosa

DOCUMENTAÇÃO EM FOTO E VÍDEO

César R. Rocha
Roberto Antônio de Melo

PROJETO GRÁFICO

SKR Design

Agradecemos o inestimável apoio da coordenação e de toda a equipe do Centro Universitário Maria Antônia e da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP

Foto da Capa: João Caldas - Espetáculo "Prova de Fogo", de Consuelo de Castro - Direção de Abílio Tavares - Montagem TUSP - 97/98

REALIZAÇÃO



TUSP



PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

TUSP - Centro Universitário Maria Antonia - R. Maria Antonia, 294
São Paulo - SP CEP 01222-010 Fones: (011) 255 7187 - 255 5538 ramais: 41 ou 42
E-mail: tusp_rusp@recad.usp.br

USP

Apoio:

Folha de S. Paulo

